Folha de Sala

Maria Capelo e Pedro Paiva

forno diurno
embora nocturno

Inauguração: Sábado, 26 setembro, 21h

A decorrer: 26 setembro - 14 novembro 2026

Forno diurno, embora nocturno – um itinerário
por Cristina Fernandes

[E estas coisas, que vivem de declínio, compreendem que tu as celebres; transitórias, confiam-nos poder de salvação, a nós, os mais transitórios.]

A primeira coisa que vemos é um pneu sobre um plinto de metal enferrujado. Dir-se-ia que explodiu, mas o verbo correcto é «partir». As esculturas de Pedro Paiva confundem-nos, material e conceptualmente: o barro pode parecer barro, borracha ou metal amolecido (como acontece aos meteoros ao entrar na atmosfera); e os objectos mais simples ganham uma força magnética, uma pose teatral. A partir de títulos literais – por exemplo, as belas formulações «cinco tijolos caídos do céu» ou «telha, cabeça, tijolo» –, todas as peças contam histórias suspensas. Obrigam-nos a parar e a olhar para trás; a questionar o progresso do mundo através das suas escórias.

*

[Apercebemo-nos apenas de uma grande ondulação colorida, não é? Uma irisação, cores, uma riqueza de cores. É isto que o quadro, antes do mais, nos deve oferecer, um calor harmonioso, um abismo onde os olhos mergulham, uma surda germinação, um estado de graça colorida. Todos esses tons correm-lhe no sangue, não é? Sentimo-nos revigorados. Nascemos num mundo verdadeiro.]

Na extensa obra de Maria Capelo, a representação da natureza expõe sempre uma tensão. Há um regresso sistemático aos mesmos cumes, aos mesmos bosques, como se esse gesto repetido pudesse recompor uma experiência, decifrar um mistério. *Seguir com o olhar uma cadeia de montanhas no horizonte ou um ramo de árvore que deita sobre o observador a sua sombra – isto é, respirar a aura dessas montanhas, desse ramo.* É essa vibração, essa alegria primitiva de fogo e vento que encontramos nas dez florestas das telas de grande formato que enchem a primeira sala. As cores têm uma potência desconhecida; são o lugar onde o nosso cérebro e o universo se encontram. Atravessam a realidade e atingem um ponto mais íntimo e verdadeiro: as correntes invisíveis que modelam a paisagem. O mundo parece incendiar-se: verdes, ocres, azuis, laranjas, rosas, amarelos, vermelhos e negros confrontam-se para iluminar um processo contínuo de permanência e transformação. Maria procede como uma investigadora destemida; nas suas mãos, tudo é matéria, cor e movimento; tudo se agita. Não só os ramos das árvores, mas a própria terra e o céu correm velozes: uma experiência inesperadamente cinematográfica e um *raccord* formidável com as imagens de *Le Déjeuner sur l'herbe*. Assistimos a um verdadeiro combate de forças, mas também a um diálogo há muito prometido com as esculturas de Pedro Paiva. Três tampas de esgoto pousadas no chão e uma cabeça de esgrimista sobre um plinto, dispostas numa diagonal ao centro, criam uma linha de cumplicidade com as paisagens desordenadas. Já não se trata apenas de processos geológicos puros; estes restos de barro marcam a passagem do homem.

*

[A paisagem é uma criação histórica, contém, gravadas, todas as marcas do que aconteceu, e, ao mesmo tempo, tudo está sempre em perigo.]

Ninguém diria que se trata das mesmas paisagens. À exuberância cromática e escala das telas, Maria Capelo contrapõe

desenhos negros e agrestes. Muitos deles parecem fotogramas de um documentário dos primórdios do cinema; exigem proximidade e sequência. De perto, percebemos que a terra é dura e pobre, montanhas de xisto cobertas de urze, esteva e mato rasteiro, caminhos desolados onde só um ou outro eucalipto delgado vinga. A sombra alastra e os sulcos da tinta-da-china no papel são como feridas antigas. Desenhar deixa de ser mera representação para se tornar a própria definição da paisagem. As imagens agrupam-se, formam panorâmicas geográficas que, como aprendemos nos filmes de Huillet e Straub, nos permitem sondar para além do que é evidente e desenterrar a história, a memória inscrita na terra. O espaço transforma-se em duração.

*

[Dor dissimulada em paisagens que atravessamos sem conseguir alcançar.]

Os desenhos espalham-se pela galeria de diferentes modos. Os maiores surpreendem, isolados ou em duplas, numa parede – a definição de graça? Na sala escura obrigam a uma atenção mais íntima; com um pouco de esforço até se consegue ver esse intervalo misterioso que há entre uma imagem e outra, o «entre» onde nasce o sentido. Nos espaços abertos, junto às esculturas de Pedro Paiva, transformam-se em cenários concretos.
As peças de barro respondem com uma presença densa e intrigante. Guardam a solenidade melancólica de quem sobreviveu à sua própria ruína e já não procura nada. São escombros de uma civilização desconhecida ou, quem sabe, do nosso futuro. Em frente aos oitenta desenhos perfilados, sem moldura, há ferramentas retorcidas e corroídas (um torno, um pé de cabra, uma roda dentada, parafusos), um pássaro estereoscópico, quatro pêssegos e uma laranja. Penduradas na parede, uma gravata oxidada e duas máscaras: o avesso do rosto boquiaberto é um rosto com a língua de fora – a matéria prega partidas.
Do outro lado da divisória – jogando com a perspectiva aberta pelas janelas e enquadradas pelos pilares do edifício, numa total adesão à memória das antigas oficinas da Cooperativa dos Pedreiros –, quatro cabeças de olhos encovados abrem uma fenda profunda na nossa percepção. Entre elas, o martelo que rasgou os olhos; ao fundo, nove desenhos quase quadrados, de molduras escuras. A matéria tem o seu próprio ritmo; oculta e revela mais do que se pensa. Aqui, estamos perante um tribunal e um crime antigo? Sabe-se lá.
Ao longo da exposição, percebe-se que, mais do que um diálogo, a relação entre Maria Capelo e Pedro Paiva é coreográfica. E isso é mostrado claramente no pequeno palco onde desenhos e artefactos se apresentam ao público como personagens de uma função ao mesmo tempo abstracta e narrativa. Um resto de pneu pendurado introduz uma certa ironia grotesca – como no fim de uma peça inacabada de Büchner.

*

[Este transbordamento de criação que deposita os seus signos como conchas sobre a parede lisa da estátua é um transbordamento de imaginação, é a liberdade: roda do sol, nó da flor, curva da água, forquilha das árvores desdobram-se um após o outro; as técnicas misturam-se: a madeira imita subtilmente o tecido; o tecido tira os seus motivos da terra. Percebe-se que esta criação não tem limites, que tudo comunica; e que, dos planetas aos átomos, este mundo do rigor encerra, por sua vez, o mundo da beleza.]

A citação (escrita por Chris Marker para *Les statues meurent aussi*) descreve, com extrema precisão, os filmes de Maria Capelo e Pedro Paiva projectados na sala/gruta. São dois exercícios de montagem que funcionam como cadernos de geógrafos ou antropólogos. O primeiro começa com o vento a arrastar uma folha de papel e termina com o vento nas árvores (um dos princípios básicos do cinema). O segundo abre e fecha com um sorriso. Ambos nos forçam a observar o mundo com olhos limpos.

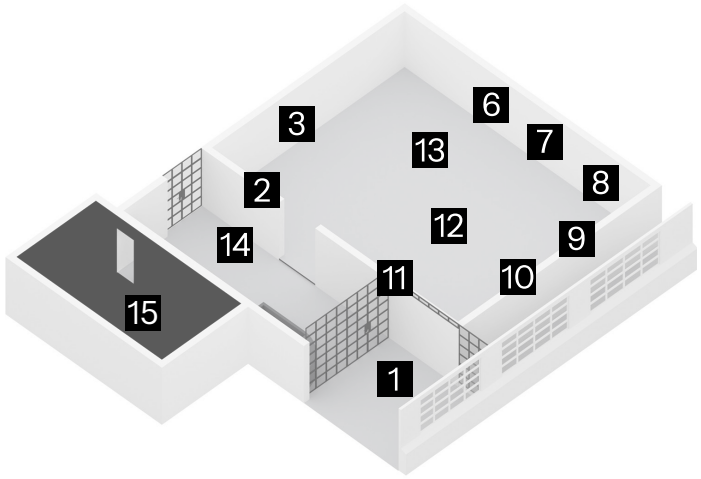
*

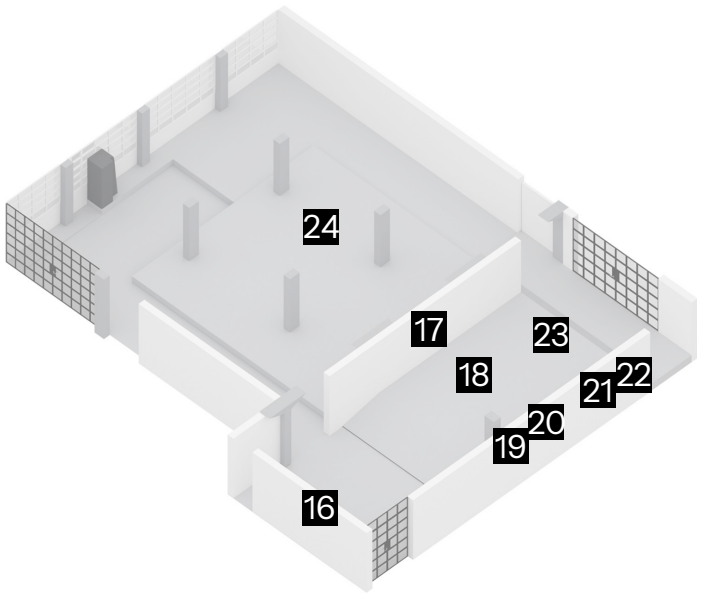
[E sempre este crescer de imensidão no interior, este crescer de memória flutuante. Julgamos reencontrar, sobrevoar no negrume, um lugar de outrora.]

A exposição termina com a revolução de uma roda discretamente pendurada numa parede (é preciso procurá-la, pois parece que faz parte do edifício) e uma cabeça-zumbido, sobre um plinto de metal enferrujado, virada para uma parede. A orelha é uma espiral.

– O que arde no interior do forno?

- setembro de 2026





1. Pedro Paiva
***Pneus cansados*, 2026**
Cerâmica sobre plinto de ferro
45 x 57 x 50 cm

2. Maria Capelo
***Sem Título*, 2026**
Óleo sobre tela
182 x 197 cm

3. Maria Capelo
***Sem Título*, 2025**
Óleo sobre tela
182 x 197 cm

4. Maria Capelo
***Sem Título*, 2026**
Óleo sobre tela
182 x 197 cm

5. Maria Capelo
***Sem Título*, 2026**
Óleo sobre tela
182 x 197 cm

6. Maria Capelo
***Sem Título*, 2026**
Óleo sobre tela
182 x 197 cm

7. Maria Capelo
***Sem Título*, 2026**
Óleo sobre tela
182 x 197 cm

8. Maria Capelo
***Sem Título*, 2026**
Óleo sobre tela
182 x 197 cm

9. Maria Capelo
***Sem Título*, 2026**
Óleo sobre tela
182 x 197 cm

10. Maria Capelo
***Sem Título*, 2025**
Óleo sobre tela
182 x 197 cm

11. Maria Capelo
***Sem Título*, 2026**
Óleo sobre tela
182 x 197 cm

12. Pedro Paiva
***Esgrimista*, 2026**
Cerâmica vidrada
31 x 20 x 19 cm

13. Pedro Paiva
***Três tampas*, 2026**
Cerâmica vidrada
42 x 46 x 50 cm

14. Pedro Paiva
***Telha, cabeça, tijolo*, 2026**
Cerâmica
77 x 15 x 17 cm

15. Maria Capelo
***Sem Título*, 2026**
Instalação de 17 desenhos de tinta-da-China sobre papel
Dimensões variáveis

16. Maria Capelo
***Sem Título*, 2025**
Tinta-da-China sobre papel (Díptico)
46 x 137 cm

17. Maria Capelo
***Sem Título*, 2026**
Instalação de 80 desenhos de tinta-da-China sobre papel
11.5 x 17 cm

18. Pedro Paiva
***Máscara de pássaro estereoscópico*, 2026**
Cerâmica vidrada
24 x 19 x 37 cm

19. Pedro Paiva
***Gravata de palhaço*, 2026**
Cerâmica vidrada
47 x 16 x 18 cm

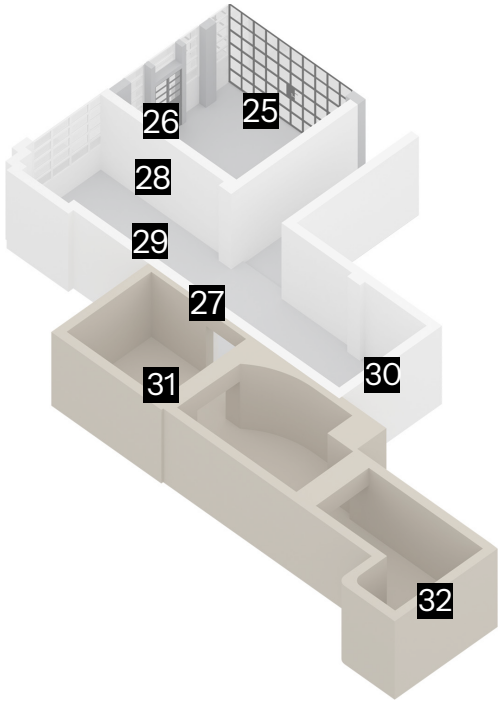
20. Pedro Paiva
***Máscara boquiaberta*, 2026**
Cerâmica vidrada
32 x 24 x 10 cm

21. Pedro Paiva
***Máscara com a língua de fora*, 2026**
Cerâmica vidrada
33 x 24 x 10 cm

22. Pedro Paiva
***Brocas, parafusos, engrenagem, pé de cabra*, 2026**
Cerâmica vidrada
Dimensões variáveis

23. Pedro Paiva
***4 pêssegos e 1 laranja*, 2026**
Cerâmica vidrada
33 x 40 x 30 cm

24. Maria Capelo e Pedro Paiva
***Sem Título*, 2026**
Instalação de 9 desenhos de tinta-da-China sobre papel e 5 esculturas de cerâmica e técnica mista
Dimensões variáveis



25. Pedro Paiva
***Zumbido*, 2026**
Cerâmica vidrada sobre plinto de ferro
27 x 16 x 18 cm

26. Pedro Paiva
***Rotação de roda*, 2026**
Cerâmica vidrada
59 x 58 x 5 cm

27. Maria Capelo
***Sem Título*, 2025**
Tinta-da-China sobre papel (Díptico)
46 x 137 cm

28. Maria Capelo
***Sem Título*, 2025**
Tinta-da-China sobre papel
46 x 68.5 cm

29. Pedro Paiva
***Cinco tijolos*, 2026**
Cerâmica vidrada
78 x 35 x 28 cm

30. Maria Capelo e Pedro Paiva
***Sem Título*, 2026**
Instalação de 9 desenhos de tinta-da-China sobre papel e 4 esculturas de cerâmica vidrada
Dimensões variáveis

31. Maria Capelo e Pedro Paiva
***forno diurno*, 2026**
Vídeo com som

32. Maria Capelo e Pedro Paiva
***forno nocturno*, 2026**
Vídeo com som